

## **NO CENTRO DA RINHA<sup>1</sup> A DANÇA DE GUERRA DAS MULHERES OKAN,**

por Alexandre Mate<sup>2</sup>.

O Grupo Xingó (palavra de origem indígena faz referência a rio que corre e enfrenta pedras), foi formado com outro nome, e rebatiza-se Xingó em 2013, reúne mulheres artistas com discernimento de seu lugar no mundo e das tarefas urgentes a serem enfrentadas, também, por meio da linguagem teatral. Em tese, e lembra uma das fundadoras do coletivo (Natália Siufi) o nome refere-se, também, “[...] a uma região do rio São Francisco percorrida pelo movimento do cangaço nordestino, e atual pesquisa do grupo, que nos últimos anos tem verticalizado o estudo sobre mulheres brasileiras, inseridas em processos de disputa também contra o capitalismo”.

O espetáculo das “mulheres-rio de forte correnteza”, que promove o permanente movimento do fluir da vida, foi batizado *Okan*, uma palavra usada para nomear meninos e meninas, cuja origem encontra-se na língua iorubá (falada principalmente na Nigéria). *Okan* refere-se a “coração” e tem aterramento ancestral nos processos de existir e resistir da cultura africana. Deixar levar-se pelo coração significa envolver-se orgânica e emocionalmente nos contextos de que se faz parte. Desse modo, na cultura africana, o coração vem associado à sabedoria, à coragem, ao amor, sentimentos muito valorizados por diversas comunidades e, “largamente” praticado pelas mulheres.

O espetáculo-dança, selecionado para fazer parte da 6ª edição da “Mostra de Teatro Heliópolis: a Periferia em Cena”, abriu o importantíssimo evento que deverá ser desenvolvido em distintos pontos na comunidade de Heliópolis e proximidades. A obra teve sua “nascente, que correu lindamente”, em um belo e ensolarado sábado, do último dia de agosto de 2024, e foi apresentada na viela 1º Maio (em cujo final encontra-se uma pequena quadra de cimento, limitada por construções em seus quatro lados). Aquele espaço destinado, fundamentalmente, a práticas desportivas, ficou lotado de crianças que, tomadas pela obra, manifestava em suas expressões faciais uma apreensão eletrizante: lindo e muito tocante de ver o espetáculo e sua reverberação nas crianças.

Trata-se de uma obra-manifesto que apresenta a luta de um “exército de mulheres”, com dramaturgia da poeta Natália Siufi que organizou as falas de 17 mulheres (especialmente entrevistadas), cuja temática reúne diversas questões ligadas à afro-racialidade e às lutas sociais significativas. Em *Okan*, o exército é alegorizado pelas atrizes: Ana Flor Carvalho, Erika Moura, Maria Helena Menezes, Natália Siufi e Valquíria Rosa, com direção de Juliana Pardo e assistência de Thais Dias.

Um conjunto de associações simbólicas, de distintos contextos e tempos (imemoriais e da contemporaneidade), são sobrepostos, justapostos, contrapostos... e o resultado,

---

<sup>1</sup> Rinha refere-se a espaço/ território de luta e, deriva do latim *ringere*, cujo significado concerne a “grunhir mostrando os dentes, furiosamente”. E é mesmo disso que se trata!

<sup>2</sup> Nascido em Vila Anastácio (bairro operário da Zona Oeste da cidade de São Paulo); Mestre em Teatro e doutor em História Social (ambas as formações) pela USP; professor do programa de pós-graduação do Instituto de Artes da Unesp; pesquisador e autor de textos sobre as práxis teatrais.

esplendido em belezas, manifesta uma refração contundente do mundo em permanente processo de apartamento das gentes, dos gêneros, das raças e das classes. A obra, feito correnteza brava, apresenta-se por meio de vários remansos, em cujos movimentos, tanto temático como espetacular se molda por meio de belas e corajosas imagens! Em determinado momento do espetáculo, que promove aterramentos das atrizes àquele chão e muitos contatos de afeto entre si, duas atrizes se beijam na boca: momento forte, pungente, contundente... Naquela comunidade formada pela apresentação do espetáculo, imaginei que aquele momento poderia provocar distintos tipos de reação ruidosa... entretanto, a certo e rápido prenúncio de alguma manifestação, por sua beleza contundente, calou toda a meninada, nenhum adulto se retirou: beijo aterrado que rompeu outra barragem de explícito preconceito. A composição musical *Paula e Beбето* (de Milton Nascimento e Caetano Velos), conseguiu ser ouvida e cantada: “Qualquer maneira de amor vale o canto/ Qualquer maneira me vale cantar/ Qualquer maneira de amor vale a pena/ Qualquer maneira de amor valerá”.

Apesar de a configuração cênica, na quadra da viela 1º Maio, ter sido frontal, a artista e pesquisadora excepcional/is Juliana Pardo, por ser uma conhecedora e praticante de danças dramáticas brasileiras e de diferentes possibilidades de “invasão” dos brincantes no espaços públicos, promove um conjunto de quebras daquele espaço inicial e imbrica em harmonia aquele conjunto de pessoas em ato de criação, lindamente partilhado. Em alguns momentos, vem o canto-mote: “Eu estou morta de fome/s!”; em outro: “Pisa ligeiro! Quem não pode com a formiga não atíça o formigueiro”; em outro ainda: “das entranhas, eu sou encruzilhadas!”.

Muitos são os belos e contundentes momentos de força poética. Mais ao final da obra, com a imagem das mulheres “entrevistadas” (com quem se conversou) aparecem em um varal. As imagens aparecem estampadas, em finíssimo e transparente tecido... as imagens flanam ao vento, mas apenas na aparência... Feito os rios, não corrigidos, elas – as mulheres de luta – flanam dentro de cada um/a de nós, e parafraseando verso de poema (*Os Estatutos do Homem*), de Thiago de Mello: “e sua morada será sempre/ o coração do homem”.

Para finalizar, a partir de determinado momento, não consegui deixar de pensar sobre as infindas reverberações que uma obra como *Okan* pode/ tende a provocar nas crianças que ali estavam... Junto a isso, o espetáculo apresenta algo novo, muito novo, mas, adensando a reflexão, o espetáculo recupera um conjunto de evidências, experiências e possibilidades que nos têm sido furtadas ao longo da história de nossas vidas. O espetáculo nos aproxima de nossas ancestralidades!